

5ª PARTE

Discursos

Evocação de Cruz Filho

Sânzio de Azevedo

O FATO de 2009 marcar os sessenta anos de publicação de *Poesia*, segundo livro de poemas de Cruz Filho, serve de pretexto para que eu evoque esse notável homem de letras de nossa terra.

De tal maneira me aproximei de Cruz Filho, que peço licença para, falando na primeira pessoa, dar meu depoimento sobre o homem e o poeta.

Começo voltando mais de quarenta anos no tempo. Residia eu na Capital paulista, onde trabalhava como revisor do jornal *O Estado de S. Paulo*, quando, em 1963, num concurso promovido pelos “Diários Associados”, Cruz Filho foi laureado Príncipe dos Poetas Cearenses. Soube-o, naturalmente, por intermédio de meu Pai, o poeta Otacílio de Azevedo.

De lá da Pauliceia enviei um artigo sobre o acontecimento. Intitulado “Homenagem ao Príncipe”, o texto foi publicado no jornal *Unitário*, de Fortaleza, não me lembra em qual dia do mês de junho daquele ano.

O poeta escreveu-me uma carta extremamente gentil, da qual me eximo de transcrever as palavras altamente generosas.

Em 1965, vim em férias à terra natal e pude, então, visitar o poeta. No ano seguinte, regressei definitivamente ao Ceará, e me aproximei ainda mais do autor dos *Poemas dos belos dias*. Morava ele numa casa antiga, ao lado da Casa de Juvenal Galeno. E, durante vários anos, tive a honra de privar da amizade desse grande poeta, cinquenta e quatro anos mais velho do que eu, pois nasci em 1938 e Cruz Filho, em 1884. Em algumas antologias figura ele como tendo nascido em 1894. Mas seja-me permitida a indiscrição de revelar que essa diminuição de dez anos em sua idade foi uma piedosa fraude que amigos fizeram para que o poeta pudesse ocupar o cargo de Secretário da Faculdade de Direito do Ceará, ele, que já havia sido oficial de gabinete no governo Justiniano de Serpa, nos anos vinte do século passado.

Por falar em século, ocorre-me lembrar que Alceu Amoroso Lima (Tristão de Athayde) escreveu: “Dá certa vertigem pensar que um poeta ainda hoje em vida tenha começado a sua obra em conversa com Gonçalves Dias! Mas é fato. Juvenal Galeno ainda vive (1927)..”¹ Cito essas palavras do crítico porque aí pelos anos 70, lembrando escaramuças promovidas por alunos da Escola Militar, Cruz Filho revelou haver visto, quando residia em Canindé, calçadas de Fortaleza cheias de letreiros com alusões à política, e acrescentou: “ - Isso foi no século passado.” Experimentei, ao ouvir essa frase, vertigem como essa, de que falou Tristão de Athayde...

De outra feita, falou-me o poeta de uma rata cometida por um ator numa comédia de Álvaro Martins, o autor d’*Os Pescadores da Taiba*, afirmando que este, presente à encenação, teria dito referindo-se ao ator: “ - Esse rapaz é enorrme!” Acontece que estávamos conversando, Cruz Filho e eu, por volta de 1971 ou 1972, e Álvaro Martins havia falecido em 1906!

O tempo, ao passo que envelhecemos, vai assumindo outras dimensões, e assim é que, aludindo a Henri Allorge, poeta francês que havia vertido para seu idioma o soneto “Os Cisnes”, de Cruz Filho, disse-me uma tarde o poeta cearense haver perdido contato com esse escritor, acrescentando: “ - Um tempo desses, recebi uma carta sua, mas ficou só nisso.” Alguns anos mais tarde, Cláudio Martins me presenteou com um exemplar do *Dictionnaire de la poésie française contemporaine*, de Jean Rousselot, e pude então constatar que Henri Allorge havia falecido no ano de meu nascimento, 1938.

José da Cruz Filho nasceu em Canindé, no interior cearense, no dia 16 de outubro de 1884, vindo a falecer em Fortaleza, no dia 29 de agosto de 1974, pouco antes de completar noventa anos de idade. Não havendo feito nenhum curso superior, isso não o impediu de formar sólida cultura humanística, o que credenciaria o poeta a exercer, na Capital do Estado, o magistério no Liceu do Ceará, lecionando Português e Literatura.

¹ LIMA, Alceu Amoroso. *Estudos*: segunda série. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934. p. 100.

Quando, ainda em sua cidade natal, fundou, com Tomás Barbosa e Augusto Rocha, seus parentes, em 1903, o primeiro jornal da terra, *O Canindé*. Nesse periódico, fez publicar vários poemas sob o pseudônimo de Climério Várzea.

Interessante é o fato de o poeta, com pouco mais de vinte anos de idade, e residindo ainda no interior do Ceará, ter conseguido notoriedade bastante para assinar poemas não somente nas revistas *Fortaleza* (1906) e *Terra da Luz* (1908), da Capital cearense, como até no *Álbum Imperial*, de São Paulo onde, entre outros textos, vamos encontrar, na edição de 20 de agosto de 1907, “O Sonho de Teseu”, soneto não aproveitado pelo autor em nenhum de seus livros. Entretanto, só pela leitura de qualquer estrofe é possível aquilatar os méritos do artista, pela correção métrica e pelo requinte das rimas, em versos cujo tema foi extraído da mitologia clássica, e que chegam a revelar um parnasiano no sentido francês do termo, o que, diga-se de passagem, não representa a face mais constante de sua poética:

Sob o régio dossel, tombado, ao pé de um plinto,
Nos braços de Laís – o Sensualismo cego
Que a Diógenes roubou este prolóquio grego:
“Nem a todos é dado ir visitar Corinto”,

Dorme Teseu de Helade ao cálido conchego,
Da orgia colossal no turbilhão extinto:
Gregas nuas, a arfar, rolam pelo recinto,
E ele sonha, a rugir, num monstruoso ofego:

– Da Grécia os esquadrões vão invadindo o Elêusis...
Ressoa um trovejar de homéricas refregas;
Depois, um turbilhão de ensanguentados Deuses

Transpõe, aprisionado, o extenso campo limpo...
E sob o matagal das altas lanças gregas
Vem ressoando o tropel dos Imortais do Olimpo...

Mário Barbosa Cordeiro, filho de Tomas Barbosa, foi meu professor de Língua e Literatura Francesa na Faculdade de Filosofia do Ceará. Sendo ele parente do poeta, possuindo, por sinal, um autógrafo justamente desse soneto “O Sonho de Teseu”, com dedicatória a seu pai, vez por outra em nossas conversas, evocamos a figura de Cruz Filho, admirando como ele, ainda muito jovem (no caso, 23 anos apenas), no interior cearense, já demonstrava uma cultura incomum. Isso, para não falar da vocação de poeta, que essa independe do espaço e do tempo.

Ainda um dia desses, eu comentava com o professor Mário o fato de Cruz Filho, já caminhando para os noventa anos de idade, ter consciência de que sua memória começava a falhar, razão por que, sempre que eu o visitava, ele abria uma gaveta e dela puxava uma tira de papel pautado na qual estava escrito meu nome e, logo em seguida, uma série de coisas que ele queria me dizer ou perguntar. Claro que guardei comigo várias dessas tiras de papel almaço, que considero verdadeiras relíquias. Em uma delas, me pedia “cópia da 1ª quadra do soneto de Ronsard *Sonnet pour Helène*, com a própria grafia do poeta”. Esse poema está em sua forma original no livro *Poetas de França*, de Guilherme de Almeida.

Tendo embora começado a versejar e a publicar seus poemas muito cedo, somente aos quarenta anos estrearia o poeta em livro, com os *Poemas dos belos dias*, de 1924, impresso na Livraria e Papelaria Ribeiro.

Na verdade, era o poeta um torturado, sempre a refazer seus poemas, e nunca satisfeito com as próprias emendas, isso até o fim da vida. Por isso, ainda nos anos 20, antes da publicação do referido livro, Antônio Sales, ao falar das letras cearenses de então, após afirmar, que “Cruz Filho é um fino espírito de esteta, apóstolo da perfeição”, acrescentava: “Sempre hesitante em dar seus versos em volume, o poeta, de uma excessiva exigência consigo mesmo, cada dia diminui o número das composições que devem formar seu livro de estreia, cuja publicação adia sempre, resistindo às solicitações dos amigos.”²

2 SALES, Antônio. “O Ceará literário”. Almanaque do Ceará, Fortaleza, t. 28, p. 451, 1922.

Instaurando-se o Parnasianismo no Ceará na primeira década do século XX, era natural que a poesia de Cruz Filho seguisse a escola de Heredia, mas não esqueçamos que, mesmo em termos nacionais, os versos que se praticavam estavam dentro do que Tasso da Silveira agudamente chamou de Sincretismo e que depois, infelizmente, passou a ser chamado de Pré-Modernismo o que, do ponto de vista estético, diz muito pouco. Essa a razão de o poeta cearense ser incluído num *Panorama de Poesia brasileira*, publicado no Rio de Janeiro, no volume quinto, *O Pré-Modernismo* (1960), de Fernando Góes. Mas, diga-se de passagem que, no nosso Estado, em 1924, a poesia que se praticava era a parnasiana, às vezes com notas simbolistas, sem falar nos resquícios de Romantismo que perduraram por muito tempo.

No livro de estreia de Cruz Filho, além de uma tradução de “A Concha”, de Heredia, podemos citar, dentro da ortodoxia parnasiana, “Tortura de Tântalo”, que diz:

Por que culpa na sei, nem se culpado ou insonte,
(Pois Tântalo não sabe o delito que expia)
Aproveu a um deus maligno, a um deus fero e bifronte,
Rude pena me dar num jardim de magia...

E eu, que supunha a vida um festim de Anacreonte,
E na Terra o vergel das Hespérides via,
Se a linfa vou colher, desvia o curso a fonte,
Se a um fruto estendo a mão, o ramo se desvia.

Tu és esta linfa ideal, és este excelso pomo:
Linfa que aplaca a sede, água algente de chuva,
Doce fruto sem par de almo e sávido gomo!

E, escravo deste amor, que Deus não paraninfa,
Nunca te morderei, vesca e inefável Uva!
Nunca de beberei, fresca e cheirosa Linfa!

Trata-se de um poema de amor, mas mesmo a escola original francesa os tem. Além dos dodecassílabos trabalhados com esmero, não faltando a nenhum deles a clássica cesura medial exigida pelos mestres, temos aí a alusão à Mitologia greco-romana, pois, como se sabe, Tântalo, rei da Lídia ou da Frígia, entre outras faltas cometeu a de matar seu próprio filho, Pelops, e dá-lo a comer num banquete. Zeus, ou Júpiter, restituiu a vida a Pelops, e deu a Tântalo o castigo a que se refere o segundo quarteto do soneto que acabamos de ler.

Outro texto rigorosamente parnasiano, mas sem alusões a figuras mitológicas, é “A Ilusão do Sapo”, que traz dedicatória a Alf. Castro, o mais ortodoxo dos parnasianos cearenses, embora nascido em Pernambuco, e que traduziu vários sonetos de Heredia, por volta de 1907. O soneto de Cruz Filho é a ele oferecido justamente pela sua feição herediana:

Aos pinchos, pela sombra, indolente e moroso,
O batráquio estacou do fundo poço à borda,
E um momento quedou, como quem se recorda,
Surpreso ante a visão do poço silencioso.

Ao fundo, onde do céu, que de nuvens se borda,
Reflexa a imagem vê – pelo céu luminoso
Vê da Lua pairar o áureo disco radioso:
E o disforme animal de júbilo transborda...

Um momento quedou, mudo e perplexo. Ao centro,
A tentá-lo, a ilusão do astro de ouro flutua,
E o monstro eis que se arroja, a súbitas, lá dentro...

E a água convulsionou-se em círculos ondeantes,
Num naufrágio de luz, em que perece a lua,
Dissolvida em rubis, topázios e diamantes.

Mas, geralmente tão fiel aos preceitos da corrente de Leconte de Lisle, ainda assim Cruz Filho escreveu páginas cuja forma é bem trabalhada, mas cujo sentimento está mais próximo do Romantismo. Admirador confesso de Alberto de Oliveira, a quem dedicou a última parte dos *Poemas dos belos dias*, intitulada “Baixos-relevos”, o poeta cearense sabia mais do que ninguém que o autor de *Meridionais*, radicalmente ortodoxo em textos como “A Galera de Cleópatra”, era autor de um longo poema de versos bem construídos, mas de emoção transbordante, vale dizer, romântica, o belo “Alma em flor”.

Por isso, nosso conterrâneo não hesitou em incluir em seu livro “A Canção da cigarra”, em decassílabos, a nosso ver um dos mais altos momentos da poesia de Cruz Filho e de toda a poesia cearense:

E a velhice aí vem. Vem com os seus frios,
Com o seu tristonho, o seu brumoso inverno,
E os céus, que eram azuis, ficam sombrios,
Desfaz-se o tempo, que eu supunha eterno!

Flavos dias de sol, quentes estios,
Brando enlevo romântico e superno,
Que eu cantando passei – ei-los vazios,
Meus castelos de Sonho – ao vir do inverno!

Consumi, na loucura mais bizarra,
Chamando embalde uma perpétua ausente,
Minha existência inútil de cigarra!

Paixão maldita! Desvairado anseio
Da cigarra, que invoca, inutilmente,
A doce companheira que não veio!

O próprio poeta, mais de uma vez, em conversa, fez menção à influência que recebera do Simbolismo. E na minha *Literatura cearense*, de 1976, tive oportunidade de assinalar o mistério que povoou o

soneto “Sugestão de Beethoven”, com suas visões, seus luars e suas mortalhas. As personagens das tragédias shakesperianas adaptam-se mais ao clima simbolista do que a qualquer outro, como vemos ao ler os tercetos do mencionado soneto:

E, à música de dor, que na bruma se espalha,
Surgem alvas visões... Há um rumor de mortalha...
Deslizam, sob o luar, Desdêmona e Cordélia...

E, na sombra, a espreitar a ampla noite, que o pasma,
Passa do pobre Hamleto o dorido fantasma,
A arrastar, pela cinta, cadáver de Ofélia...

E não aludi às reticências, presentes também, embora em menor número, em “Ignota Dea”, soneto no qual é citado nominalmente um simbolista francês, Albert Samain:

À hora crepuscular, quando a terra emudece
Na saudade outonal dos ocíduos palores,
Apraz-me muita vez, a alma enlevada em prece,
Ir ao fundo cismar dos jardins sem rumores...

E ali, enquanto no ar um sonho desfalece
E o arcanjo de Samain passa ao longo das flores,
Eu não sei que Visão surge e desaparece
Na roxa indecisão dos vesperais livores...

E, nesta hora sutil, em que o Céu se desmancha
Em ânsias sobre a Terra, e a Terra ao Céu sem mancha
Narra a dor do rei Lear sem domínio e sem cetro,

Eu sinto sobre a fronte, em visão que me assombra,
A carícia fugaz dos teus dedos de Sombra
E a casta extrema-unção dos teus lábios de Espectro...

Acrescente-se que esse soneto está constelado de maiúsculas alegorizadoras, como nos vocábulos Arcanjo, Visão, Sombra e Espectro, procedimento muito mais constante nos versos de Alphonsus de Guimaraens do que nos de Olavo Bilac.

Uma vez que estou dando um depoimento pessoal, aproveito o ensejo para transcrever um poema que é, a meu ver, uma das mais belas páginas do livro de estreia de Cruz Filho. Composto em decassílabos e hexassílabos, “Elegia do Inverno”, a exemplo do já reproduzido soneto “A Canção da cigarra”, vem a ser um poema belo pela forma, porém muito mais pelo lirismo quase romântico de que se reveste:

Inverno! Campo em flor, prado em perfumes...

Esta é a estação formosa,

Em que a terra rebenta em vagalumes,

E a seiva se faz folha, e o limo, rosa.

Quando ele chega, a Natureza toda

Toma roupagem nova:

E espera – noiva em véspera de boda –

O conúbio feliz, que se renova...

As folhagens das árvores felizes

Sob o céu se arredondam

E, na glória do sol, suas raízes

– Tentáculos de polvo – a terra sondam...

Acre aroma de mato – incenso e mirra –

Erra pela alameda,

E um desejo sensual em tudo acirra,

Do inseto de ouro aos hervaçais de seda...

Do casulo, onde sofre a larva abjeta

Sua metamorfose,

Rompe a falena tavanês e inquieta,

– Áureo ser, que é, por si, uma apoteose!

Nidificam as aves. Dando caça
 Às feias ninfas moles
E ao inseto cor de ouro, que se esvoaça,
No bico as levam às implumes proles.

Amo o inverno. E não sei por que, mas quando
 Chega o Inverno, me invade
Um sentimento pungitivo e brando,
– Um misto de ternura e de saudade...

Ele me evoca o tempo, hoje desfeito,
 Em que te vi na serra...
Quando, cheio de amor, pulsou meu peito,
A vez primeira que pulsou na terra...

Amo o inverno por isso. E, então, relembro
 Todo esse amor superno...
Evoco esse dezembro (Era em dezembro...)
Em que te amei, pela estação do Inverno...

Chegamos ao livro *Poesia*, de 1949. Nele figuram, com várias omissões, poemas do livro de estreia, e mais duas partes, “Taça de Ambrosia” reunindo composições escritas de 1925 a 1936, e “Lira de Orfeu”, abrangendo os anos de 1937 a 1948.

Em “Taça de Ambrosia” encontra-se pelo menos um soneto que, tratando de assunto mitológico, segue rigorosamente a ortodoxia da escola parnasiana. É “O Rapto de Andrômeda”. Como Cassiopeia, mulher de Cefeu e mãe de Andrômeda, houvesse declarado ser a filha deles mais bela que as Nereidas, Netuno enviou um monstro para devastar o reino de Cefeu que, aconselhado por um oráculo, mandou amarrar Andrômeda a um rochedo, para ser sacrificada. Salvou-a Perseu, o vencedor da Medusa. Dizem os tercetos, após alusão ao herói:

Asas de chamas, cascos de ouro, crinas flavas,
O Pégaso condu-lo, à flor das ondas bravas,
Para despedaçar de Andrômeda os grilhões...

E unidos, logo, os dois, num mútuo beijo infindo,
Sobre o alado corcel, que galopa, nitrindo,
Voam, nos céus boreais, entre as constelações...

O amor ilícito de Francesca da Rimini com Paolo Malatesta, irmão de seu esposo Lanciotto, ficou célebre graças a Dante, que pôs os amantes no Inferno, na *Divina Comédia*. Cruz Filho, ainda em “Taça de Ambrosia”, celebrou esse amor no belo soneto “Paolo e Francesca”, vazado em versos de dez sílabas:

No jardim de Lanciotto, os dois amantes,
Enquanto desce a noite e o azul se estrela,
De anoso freixo sob a verde umbela,
Erigem, no ar, castelos rutilantes.

Sobrestada a leitura, por instantes,
Que importa aos dois, cuja alma o amor constela,
O vão mundo misérrimo, se ele e ela
Em si concentram mundos relumbrantes?

Mãos nas mãos, a sonhar, bocas unidas,
Na incestuosa paixão fundindo as vidas,
Ele lhe diz: “sou teu!” e ela: “sou tua!”

E então, ante eles toda alvor e pejo,
Ao doce sorvo do infinito beijo,
Surge a visão castíssima da Lua...

Além dos *Poemas dos belos dias* (1924) e de *Poesia* (1949), publicou Cruz Filho o livro *Toda a Musa* (1965). Fora da poesia, fez editar em 1931, em São Paulo, uma síntese intitulada *História do Ceará*. Em 1961 foi editado no Rio de Janeiro o ensaio *O Soneto*, e em 1971, em Fortaleza, o livro de contos *Histórias de Trancoso*.

É interessante notar que dois poemas transcritos dos *Poemas dos belos dias* foram suprimidos em *Poesia*, e ressurgiram em *Toda a Musa*, mas, com várias modificações, inclusive no título: “Ignota Dea” se chamaria depois “Silfo”, e “Elegia do Inverno”, “Epigrama do Inverno”. Aliás, o poeta modificava sistematicamente seus versos, a cada publicação. Não me cabe aqui julgar se são melhores os poemas em sua forma original, quando foram ditados pela emoção da mocidade, ou se na última versão, que obedece mais à razão e à erudição do artista. Quando, após a morte do poeta, depois de uma palestra que proferi na Secretaria de Cultura do Ceará, o Professor Antônio Martins Filho me encarregou de organizar uma seleção de poemas de Cruz Filho para a Coleção Alagadiço Novo, por ele dirigida, preferi respeitar a vontade do autor, no livro que chamei *Poemas escolhidos*, publicado em 1986.

Mas anteriormente, na minha *Literatura cearense*, panorama didático publicado pela Academia Cearense de Letras em 1976, os textos que dele ali incluí seguiam os originais dos primeiros livros, até para que não fosse falseada a História, e flagrasse os poemas na vigência da corrente estética dentro da qual haviam sido compostos.

Seja-me permitido voltar ao livro *Poesia*, de 1949, para ler alguns versos da parte final, “Lira de Orfeu”. Há, abrindo essa divisão do volume, um poema de vinte estrofes em versos alexandrinos que considero uma obra-prima, e que se intitula “O Jaguar”. Evidentemente não o transcreverei por inteiro. A primeira estrofe diz:

Maravilhoso luar doura o sertão deserto,
Sob a abóbada azul do alto céu tropical,
Onde o globo lunar do zênite vai perto
E ofuscou, com o clarão, todo o esplendor astral.

Vai o poeta descrevendo o matagal iluminado pelo plenilúnio. Na sexta estância aparece o personagem central do poema:

A esta hora cava e opressa em que a noite culmina,
No alto de um penhascal que de cactos se touca,
Tentado pelo luar, que o convida e fascina,
Surge o fulvo Jaguar da esconsa furna à boca.

Raciocina, um minuto. Os olhos coruscantes
Ardem, na meia luz, quais fosfóreos rubins,
Entre esparsos montões de ossadas alvejantes,
– Destroços funerais de sangrentos festins.

Depois, ao pé da furna, acororado e quedo,
Abafando, talvez, um bramido queixoso,
Contempla o disco à Lua, e a interroga, em segredo,
com soluços no olhar colérico e saudoso...

Nada lhe diz a Lua, que o poeta chama de “sibila astral” e “Cassandra do céu”. E pela décima segunda estrofe sabe quem ler o poema a causa da angústia do felídeo:

Aquela que ele amava, a bela taciturna,
Do idílio conjugal na rósea primavera,
Faz um mês que a matou, no limiar da cafurna,
O homem, covarde e mau, mais feroz do que a fera.

No entanto, do Jaguar volve tudo à memória:
– Os dias que lá vão, sob um céu todo anil,
Trechos soltos, talvez, da sua pobre história,
– Jogos florais de amor, ternuras de covil...

E, à confusa expansão da secreta miragem
Que ante ele recompõe o passado florido,
De novo julga ouvir, no queixume da aragem,
Da perdida Leonor o erótico vagido...

Mas o arguto animal, que o sítio, em torno, espreita,
Desce, coleando o dorso entre os troncos anões,
À planície, em que o luar ressupino se deita,
Para às feras propor ciladas e traições.

Nas quatro estrofes seguintes, pergunta o poeta o que busca o jaguar, e ele mesmo responde: “– Compele-o ardente sede à água que o dessedente..” E vai o felino atravessando a várzea, à luz do luar, até que, junto a uma barragem, experimenta forte emoção. E os versos finais dizem:

Ao fundo da água vê, no seu vulto reflexo,
De outra imponente fera a imagem senhoril!
– E eis que na alma lhe ruge o demônio do sexo
E a espinha lhe percorre um frêmito viril.

A noite é toda de ouro; a Lua, calma e algente;
Nem um rumor sequer o amplo silêncio corta!
E ele se põe a uivar inconsolavelmente,
Invocando, num sonho, a companheira morta...

Vazado em alexandrinos clássicos, seguindo as rimas o esquema ABAB, com o requinte de alternar, nos versos finais de cada estrofe, vocábulos paroxítonos e oxítonos, num apuro próprio do artesão exigente, nesse poema, em que a lua tem papel destacado, há como que a antropomorfização da fera, que chega a raciocinar, indagando algo ao astro da noite, que nada lhe responde. Rememora o idílio com sua companheira, morta pelo homem “covarde e mau”. E ao ver-se refletido na água, o jaguar imagina estar revendo sua companheira, “a bela taciturna”, e passa a uivar, desconsoladamente.

Com algumas mudanças, o enredo desse poema é o mesmo do conto, também de Cruz Filho, “O Sertão, o luar e a fera”, de *Histórias de Trancoso* (1971).

E, para encerrar o comentário sobre *Poesia*, que ora completa sessenta anos de publicado, reproduzo “Ciclogênese”, soneto no qual “o poeta se entrega a indagações filosóficas da mesma ordem daquelas a que Augusto dos Anjos deveria o melhor da sua arte”, no dizer de Herman Lima:³

Quem sou? – Átomo eterno e indestrutível
Da satúrnea matéria soberana,
Detido aqui, sob a figura humana,
– Simbólica expressão do Inexpressível.

De onde vim? – Do Absoluto incognoscível
De que a forma ontológica promana
Pela imanência da Energia arcana
Que a conduziu de animidade ao nível.

Parei agora, na ascensão superna,
Para te amar, bela mulher lasciva,
Com que cheguei ao vértice do Ser.

E aonde vou eu, com esta fadiga eterna?
– Refluir à nebulosa primitiva
E com a Terra voltar, para sofrer.

Leitor, entre outros, de Schopenhauer, mostra o autor, na última estrofe desse soneto, todo o pessimismo com que encarava a passagem do homem pela Terra.

Ao se agravarem os problemas de saúde do poeta, já perto do seu falecimento, eu, sempre covarde diante do padecimento dos amigos, afastei-me. Foi então que recebi, das mãos de seu primo e amigo José Cordeiro, alguns livros, juntamente com os originais de *Ocaso em*

3 LIMA, Herman. *Poeira do tempo*: memórias. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1967. p. 143.

fogo, obra inédita do já citado poeta Alf. Castro, originais esses que haviam sido confiados a Cruz Filho pela família do autor, que havia falecido em 1926.

Senti como se Cruz Filho, que não tivera oportunidade de fazer editar o livro do amigo, transferisse para mim essa incumbência, que passei a encarar como algo de sagrado. Composto de recortes de jornais e de revistas, ao lado de muitos textos em manuscrito, coube-me passar a limpo todos os poemas e, vinte e cinco anos depois da morte de Cruz Filho, isto é, em 1999, graças ao Professor Italo Gurgel e à Comissão Editorial das Edições UFC, foi publicado o livro, para o qual escrevi uma introdução na qual o nome do autor dos *Poemas dos belos dias* aparece várias vezes, sem falar numa página do próprio Cruz Filho que passei aos editores, e que figura nas abas e na quarta capa do livro.

Quando do anúncio do sepultamento do corpo do autor de “A Ilusão do sapo”, recebi da escritora Cândida Galeno, minha amiga e colega na Academia Cearense de Letras, a missão honrosa, mas triste, de apresentar à beira-túmulo, no Cemitério de São João Batista, as despedidas da Casa de Juvenal Galeno ao grande poeta, que tantas vezes havia abrilhantado com sua palavra as reuniões culturais da entidade, desde os tempos da Dra. Henriqueta Galeno.

Entre os textos que recebi de José Cordeiro, após o falecimento do poeta, encontravam-se ainda os originais de uma segunda edição do ensaio *O Soneto*, que entreguei a Cláudio Martins, então presidente da academia Cearense de Letras, e os de um livro inédito, *Poemas dos dias idos*, que, cumprindo a vontade do autor, deixei aos cuidados da Casa de Juvenal Galeno. Confesso não saber o destino desses originais.